

O PROCESSO DA LEITURA EM MANCHETES DE JORNAIS

Maria Eulalia Tomasi Albuquerque

“A informação é transformada mediante o uso das técnicas de jornalismo ou de redação jornalística”. (Lustosa, 1996, p.18)

1. INTRODUÇÃO

Os professores têm como uma das preocupações constantes fazer que seus alunos leiam com freqüência e com gosto. Para tanto, propiciam-lhes condições para que eles constituam sentido ao que lêem. Como os estudantes, de um modo geral, não têm o hábito de ler artigos jornalísticos na íntegra, ou mesmo ler jornal diariamente, neste artigo, desenvolve-se uma atividade com manchetes de jornais que talvez sejam uma das poucas fontes de informações deles.

A manchete é uma parte importante da notícia, pois ao mesmo tempo que atrai a atenção do leitor, apresenta-lhe sucintamente o assunto, possibilitando que ele faça predições a respeito do fato abordado. Encontra-se no topo do artigo, cobrindo todas as colunas que o compõem. Junto com a manchete, aparece com freqüência, de acordo com Van Dijk (1992), o *lead*, em letras menores, que traz mais informações a respeito da matéria jornalística.

2. O PROCESSO DE LEITURA

O processo de leitura tem início já no momento da escrita do texto, quando o autor identifica seu leitor e serve-se de estratégias lingüísticas e discursivas para sensibilizá-lo. Então, antes mesmo de o texto ter sido produzido, já se estabelece um vínculo entre autor e leitor.

Passa-se a abordar o processo da leitura, através do produtor do texto, do leitor, do texto e da constituição do sentido.

2.1. O produtor do texto

O jornalista é um sujeito ideológico, que produz textos também ideológicos, em que interpreta e relata acontecimentos sociais, levando em consideração o seu leitor, para quem escolhe as estratégias adequadas. Cita-se, como exemplo, o suplemento *Folhateen*, da *Folha de São Paulo*, em que os jornalistas fazem uso de uma linguagem próxima da coloquial usada por jovens, que é o público-alvo desse caderno.

2.2. O receptor do texto

O leitor é o parceiro do escritor nos processo de produção e recepção de textos. É, tal como o jornalista, um sujeito ideológico, que desenvolve suas leituras de

acordo com sua sua história pessoal, suas leituras, o objetivo da leitura, sua ideologia, levando em conta, ainda, a ideologia do produtor do texto e as histórias dos textos, além das condições histórico-sociais da interação.

Os leitores, neste artigo, são os alunos de ensino médio a quem os professores querem participantes e críticos. Silva (1998, p. 12) reconhece que o leitor crítico “não se descuida de, em frente os textos, *refletir e transformar* as idéias por ele produzidas”. Reconhece, ainda que

ler criticamente um texto é raciocinar sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. (idem, p.33)

Se os alunos forem leitores ativos, perceberão o cuidado especial que o jornalista tem ao compor seus textos, tanto com a linguagem verbal quanto com a não-verbal. A partir da manchete, os estudantes podem fazer predições para a matéria, levando em consideração: o jornal que a veicula, o tipo de texto, o jornalista que a assina e a manchete que a anuncia.

2. 3. Manchetes

Os textos jornalísticos, iniciados pelas manchetes, apresentam os acontecimentos segundo a leitura de mundo e a ideologia dos produtores dos textos e das empresas jornalísticas. Dessa forma, os jornalistas constroem uma visão de sociedade de acordo com os interesses políticos e econômicos vigentes ou considerados necessários em determinado momento histórico por uma determinada facção social.

Pêcheux (1988) reconhece que o sentido das palavras não existe *de per se*, mas é construído levando-se em conta as posições ideológicas que se detectam no processo sócio-histórico em que as palavras emergem, por obra, consciente ou não, daqueles que as empregam. Assim, as marcas que o leitor reconhece na superfície textual, não são ingênuas nem gratuitas; pelo contrário, são decorrências desse momento histórico e ideológico em que se estabelece a interlocução.

Por isso, o leitor, de modo especial o aluno que se quer crítico e autônomo, deve conhecer a forma como se estruturam esse textos e os acontecimentos sociais de que emergem, para analisar os jogos de linguagem, de poder, da ideologia que direcionam o processo de criação. Essa preocupação explica-se porque a linguagem não é um código transparente, neutro ou apenas instrumental, que transmite os sentidos prontos de um emissor a um receptor. Ao contrário, os sentidos são construídos através do diálogo entre leitor e autor, mediado pelo texto.

3. ANÁLISE

O *corpus* deste trabalho são três manchetes, chamadas de capa, do jornal “Zero

Hora”, de 1º a 03/05/2000, a respeito da greve dos caminhoneiros.

A primeira manchete - **CAMINHONEIROS EM GREVE** – apenas expressa o acontecimento gerador da matéria, “greve”, e a identificar a categoria profissional em greve - “ Os caminhoneiros”. Essa construção discursiva passa ao leitor um efeito de objetividade, como se o acontecimento se narrasse a si mesmo, sem a intervenção de um enunciador.

A segunda manchete - **GREVE COMEÇA COM EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA NO SUL** - mantém o efeito de impessoalidade aparente, porque traz o índice de avaliação “de violência” que predica negativamente “episódios”. Há, no caso, um enunciador que, indiretamente, assume um posicionamento contra a greve, ao caracterizá-la como um movimento não-pacífico provocador de violência. O jornalista, considerando seu auditório, vincula o movimento grevista à violência.

Na terceira manchete - **GREVE DE CAMINHONEIROS JÁ AMEAÇA O ABASTECIMENTO** - o movimento classista é caracterizado como prejudicial à sociedade. É possível essa leitura em virtude do emprego do verbo “ameaça”. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, “ameaçar” é “procurar intimidar, meter medo; pôr em perigo, anunciar castigo ou malefício; dar mostras ou indícios de (coisa iminente).

Esse verbo tem um sentido tão forte, que provoca preocupação ou temor mesmo antes de a ameaça se concretizar. Apesar de a sociedade ainda não estar privada de gêneros alimentícios e de combustíveis, a escolha do verbo “ameaçar” constitui uma estratégia intimidativa contra a greve. O operador argumentativo “já” presentifica a ameaça, deixando de lado a possibilidade de acontecer; esse operador traz para o momento presente um perigo que pode (ou não) acontecer.

A ameaça em questão representa a falta de víveres, de combustíveis - itens necessários à sobrevivência individual do ser humano e à tranquilidade da sociedade. Daí que essa manchete informa o acontecimento ao mesmo tempo que representa o julgamento de um enunciador a respeito do movimento, a fim de alcançar uma conclusão prevista e desejada: tornar o leitor de Zero Hora contrário à greve dos caminhoneiros. Daí, constata-se que há só uma aparente neutralidade do enunciador.

4. CONCLUSÃO

Conforme o modo como as manchetes foram redigidas, ou seja, descontextualizadas das causas que provocaram a greve dos caminhoneiros, elas remetem à irresponsabilidade de uma classe que entra em greve e prejudica a sociedade. Todavia, fazendo-se uma retrospectiva dos acontecimentos, fica-se sabendo, em matérias jornalísticas de ZERO HORA, de 01/05 a 08/05/00), que a greve foi conseqüência do não cumprimento pelo Governo Federal de um acordo firmado entre ele e os caminhoneiros em 1999. Mas as manchetes analisadas, em nenhum momento, mencionam essas informações.

Na verdade, os jornais, como formadores de opiniões, agem segundo os

interesses políticos e econômicos vigentes em determinado momento. Eles comprometem-se com determinada ideologia. Daí entender-se que entre os lugares sociais ocupados pelas partes em conflito - caminhoneiros e governo - Zero Hora favorece o segundo, uma vez que conotações negativas foram empregadas nas manchetes que se referiam aos caminhoneiros e a seu movimento, mas não às que remetem ao Governo. Daí inferir-se que o efeito objetividade é apenas uma máscara necessária para passar ao leitor a idéia de isenção no julgamento dos fatos anunciados.

Em síntese, as manchetes, ao noticiar a greve, não alcançaram todas as facetas desse fato – as causas, por exemplo - e, de forma subjacente, manipularam as informações com vista a um fim desejado. Como os sentidos não estão prontos no texto, mas são construídos também por quem lê e vinculam-se às suas condições de produção, se os alunos forem bem preparados para perceber os jogos de linguagem, refletir a escolha dos itens lexicais e a ideologia adotada pelo jornal, terão condições de efetuar uma leitura de maior qualidade e defender-se dessas artimanhas construídas conscientemente pelo jornalista.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo : Hucitec, 1992.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Fato político e estratégia discursiva. In: **ATAS –1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística – Conferências e mesas redondas**. 1996. p.293-297.
- CORTEN, André. Discurso e representação do político. In INDURSKI, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Os múltiplos sentidos da Análise do Discurso**. Porto Alegre : Sagra e Luzzatto, 1999.
- DIJK, Teun Adrianus Van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo : Contexto, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O estatuto da equivocidade da língua. In LIMA, Marília dos Santos & GUEDES, Paulo Coimbra (orgs.). **Estudos de linguagem**. Porto Alegre : Sagra : DC Luzzatto, 1996.
- __ . Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In ORLANDI, Eni P. **A leitura e Os leitores**. Campinas: Pontes, 1998.
- LUSTOSA, Elciar. **O texto da notícia**. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A revolução de 30. In INDURSKI, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Landro (orgs.) **Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra e Luzzatto, 1999.
- MARCONDES, Beatriz; MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo : Contexto, 2000.
- ORLANDI, Eni. P. O inteligível, o interpretável e o compreensível. IN ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (orgs.) **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo : Ática, 1988.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: Ensaio**. Campinas :

Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1998.

PÊCHEUX, M. **Analyse automathique du discours**. Paris : Dunod, 1969.

Em relação à segunda sugestão, as sete manchetes compõem uma narrativa, em que se percebe, pela ação de personagens (caminhoneiros e governo), uma alteração da situação inicial (violência, ação do governo) que mantém entre os fatos uma relação de anterioridade, de concomitância e de posterioridade. Mesmo em textos que não se caracterizam como narrações, pode-se encontrar um componente narrativo, desde que se constate “ transformação de situações”, como reconhecem PLATÃO & FIORIN (1996, p.229).

As análises das manchetes, quer na primeira sugestão, quer na segunda, poderão servir de elementos provocadores para que os alunos, a partir as manchetes, leiam os textos jornalísticos na íntegra, a fim de confirmar as hipóteses por eles formuladas, a partir dos títulos. De qualquer forma, essas sugestão representam apenas possibilidades de leitura que poderão despertar o

gosto dos alunos pela leitura de jornais.